

LUR SOTUELA

Autor de *Escrita maldita*

AMOSTRA
O QUARTO

VAZIO

TORDESILHAS

Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

AMOSTRA

2	A porta	56	A biblioteca
6	Mirau	74	A espuma
30	Clara	80	O livro
42	O museu	84	O quarto vazio

AMOSTRA

102 O eco

130 Morte e sono

108 Um canto do labirinto

116 O quarto de Clovis

124 A névoa e as memórias

MIRAU

AMOSTRA

Acordei assustado com a rapidez da turbulência. Fugindo do meu reflexo, olhei pela janela. O mundo estava ali, no centro da noite infinita, batendo como um coração negro e acelerado, e a cada contração do seu interior escuro se derramavam sonhos e palavras, filhos, pais, civilizações, cafés com leite, pistas de pouso, luzes que destacavam a cidade, vidas solitárias de homens e mulheres desejando amar, esquecer a solidão que tudo move e esmaga; e, ali, alçando-me na intimidade daquela imensa deriva, no pequeno avião que me transportara à ilha, estava eu, Markus Molema, espiando pela janela, sentindo no meu olhar sonolento, na escuridão da cabana, o abraço quente e pegajoso da noite úmida. Viramos de repente e mergulhamos ainda mais fundo na escuridão. O táxi-aéreo começou a tremer como se quisesse se transformar em outro objeto. Uma metamorfose de pássaro em ferro informe, de homem em polpa. Num esforço impossível, pude ver como as luzes da ilha se aproximavam. Faróis brilhantes se acercavam perigosamente. Senti que caíamos, que tudo aquilo era um pouso de emergência. Fechei os olhos com força enquanto o chão se aproximava rapidamente. A realidade vibrou, vestiu-se como se fosse romper. Respirei aliviado quando as rodas do avião acariciaram o solo da ilha com abrupta ternura.

Respirei fundo por alguns minutos. Na minha mente tracei a cartografia daquela viagem estranha. O pequeno arquipélago de Mirau fica no meio do Atlântico, a alguns milhares de quilômetros dos Açores. Daquele grupo, formado por sete pequenos ilhéus, apenas

um, o maior e menos abrupto, permite que alguns seres humanos o habitem. Era nesta ilha, que os nativos chamam de “a ilha sem tempo” — geograficamente conhecida como Albatroz, assim chamada por sua orografia, semelhante à silhueta da ave marinha homônima —, que eu me encontrava. Segundo havia apurado, a população era muito pequena, pouco mais de três mil habitantes, que aumentava um pouco graças aos turistas durante o verão. As formas de acesso àquela parte remota do globo eram muito limitadas. Três voos semanais num pequeno avião que chega, num esforço titânico e certamente incrível, de Lisboa; aos quais devemos acrescentar o avião de correio e o escuro e velho navio de bandeira britânica *The wind message*, algo como “A mensagem do vento”, que abastece a ilha semanalmente. Esse navio de média tonelagem acaricia a costa do arquipélago todas as terças-feiras, proporcionando aos seus habitantes o que necessitam, que é quase tudo, já que na ilha há apenas alguns coqueiros e centenas de milhões de pedras vulcânicas enegrecidas, gastas pelo tempo. A chegada do serviço semanal provoca um frenesi no cais entorpecido pela inatividade, e a pequena cidade costeira fervilha por algumas horas entre a excitação e um leve tom de melancolia. *The wind message* percorre incansável os caminhos invisíveis do mar há demasiadas décadas, visitando diligentemente a Ilha Albatroz.

Existe um ditado popular que diz que se você acha difícil chegar à ilha, verá como é difícil fugir dela. Tal axioma aponta, além das complexas conexões de transporte, o encanto que a ilha gera nos visitantes: uma espécie de feitiço. Conta-se que muitos dos que ali vivem chegaram para passar pouco tempo, uns dias de folga, mas foram

surpreendidos pelo feitiço da *ilha sem tempo* e, apesar da intenção de partir, inevitavelmente ficaram ali.

Ao pousar, um suspiro escapou dos meus lábios. Sinto medo de voar e costumo superá-lo com três gins-tônicas e alguns calmantes. A turbulência e o nervosismo pelo que havia ido fazer naquele local me acordaram, quando o habitual era ser sacudido, já em solo, por alguma aeromoça simpática. Pude avistar alguns pequenos aviões particulares e uma chuva leve esboçando a pista do aeroporto. Éramos oito pessoas viajando no bimotor, além da tripulação composta por dois pilotos e dois comissários de bordo, dos quais podemos destacar, pela má aparência que apresentava, a comissária loira, que, além de vesga, gaguejava um pouco, e parecia ter uma onda de azar pairando sobre si. Naquela viagem a evitou, mas em seus olhos dava para ver que um dia o infortúnio a alcançaria. Nós, passageiros, saímos do avião em silêncio, descemos uma escada portátil e seguimos correndo sob a chuva por cem metros até o único prédio, que tinha uma pequena torre de controle no centro.

O aeroporto era muito pequeno. Poderia ser a sala de estar de um dentista californiano. Algumas fotografias aéreas da ilha em preto e branco desbotado adornavam as paredes. Poltronas bumbas estavam espalhadas pelo saguão, como se uns bêbados gordos tivessem desabado, devido a uma tremenda bebedeira, em algum lugar do recinto. Quatro policiais sorridentes, com ínfimo interesse nos poucos passageiros recém-chegados, observavam-nos passar, conversando animadamente num canto. A umidade da chuva parecia se infiltrar como a luz por baixo da porta numa noite da infância e atingir os corpos

dando as boas-vindas à ilha. Alguém do hotel — esse *alguém* me deixou curioso — iria me buscar no aeroporto quando eu chegasse, fui informado por e-mail pela organização na noite anterior. Assim foi. Uma mulher corpulenta de uns sessenta anos segurava nas mãos rechonchudas um pedaço de papel rabiscado com marcador vermelho onde se lia *Marcus Moyema*. Havia um erro grave. Na verdade, meu nome é, e sempre será, Markus Molema, com um único L e um K no meio do primeiro nome. Não quis dar mais importância, mesmo não gostando do detalhe, e cumprimentei-a com a mão esquerda e um largo sorriso. A senhora sorriu timidamente e disse, com uma voz tão alta quanto o guincho de um rato:

— Bem-vindo a Mirau, senhor *Moyema*.

Ela arrancou a pequena mala das minhas mãos, com uma velocidade incompatível com sua idade e aparência, e arrastou-a enquanto me mostrava o caminho até o carro.

O veículo que nos levaria do aeroporto à capital, centro nevrálgico da ilha, que se chamava Mirau tal como o arquipélago, era uma caminhonete branca velha, caindo aos pedaços, na qual ainda se podia ler o antigo uso que alguém lhe dera. O desenho de um peixe saltando das águas com um sorriso feliz e a indicação *Peixe Fresco* ainda não haviam desaparecido de seu exterior, apesar das camadas de tinta utilizadas, imagino que devido à umidade do ambiente. Embora já há um tempo os passageiros do veículo fossem pessoas, e não habitantes capturados do mar, não sei se influenciado pela minha imaginação, senti um cheiro ácido de peixe, possivelmente impregnado no interior da caminhonete. Acontece que, para animar a viagem, que a senhora

garantiu que duraria cerca de vinte minutos, além dos buracos devido à qualidade do asfalto na estrada, ao cheiro de peixe e ao meu cansaço, juntou-se a verbosidade diarreica da motorista. Ela não parava de falar, era como uma metralhadora, como uma máquina de escrever que cospe palavras. E o fazia num jargão ininteligível, misturando inglês, espanhol e português, continuamente salpicado de expressões locais que a mim era impossível identificar. Um minuto depois de entrar na caminhonete, desisti de qualquer comunicação lógica e civilizada e apenas soltei murmúrios de assentimento, tentando manter a compostura e me rendendo aos meus pensamentos.

François Clovis é, sem dúvida, o mais eminente e internacional dos cidadãos da Ilha Albatroz. Misanthropo e colecionador de arte, era um personagem mundialmente conhecido que, por motivos pessoais, se isolou — profanando e reinventando a sua lenda — na ilha, e não a abandonava há mais de quinze anos. Diz-se que graças a alguns comentários de um nativo da ilha sem tempo, que mencionou durante uma refeição os benefícios do clima e dos habitantes, sem pensar muito nisso e encantado com os elogios daquele estranho, ele decidiu se contentar com uma temporada naquele lugar remoto. Há quase quinze anos, numa terça-feira, 15 de outubro, *The wind message* atracou no porto da cidade de Mirau. No navio em que viajava François Clovis, com um velho chapéu de palha, chegou também uma grande carga que ocupava quase completamente o navio, que transbordava de móveis, espelhos, cães de caça, carros, e principalmente uma ampla e notável coleção de arte. Uma amostra que foi enriquecida durante os anos de permanência em Albatroz. Essa faceta, talvez a mais

conhecida do senhor Clovis, foi o que realmente me trouxe àquela remota e minúscula porção de terra.

Como um relâmpago preso em seu próprio momento por uma noite densa, tenho cada vez menos tempo, é cada vez mais difícil respirar o ar que flutua nesta cela. Olho através das grades e a escuridão serena da ilha me observa, me julga, me condena. Primeiro eu deveria falar de mim, daquele Markus Molema antes de tudo acontecer, antes dessa certeza devorar tudo, antes de matar Harry, o pobre, melancólico, mas terrível Harry Hansen. Talvez, agora, o que eu precise fazer seja descobrir quem era, quem veio à ilha, para ir embora, para finalmente ir embora. Duvido que sirva para alguma coisa nesta última noite, nesta noite de pedra, neste crepúsculo que minhas palavras incendiavam, em que ardem minhas florestas, meus sonhos, como papel molhado sobre a fogueira, porque o que eu era, o que fui, nada mais é do que uma lembrança inútil, um vão esforço de memória. Mas devo fazê-lo, devo ao menos tentar.

Olho através do tempo e me vejo feliz, feliz demais. Tão feliz quanto você pode estar neste mundo. Minha situação financeira era confortável e eu havia criado uma linda família. Tive também muitos amigos, pessoas que acho que me amavam pelo que eu era. Para completar o belo quadro, eu tinha *hobbies*, adorava a arte em todas as suas vertentes e a isso dedicava meu tempo profissional e pessoal. Era proprietário e diretor de uma requintada revista cultural intitulada *Art&letter*, atividade que combinou com a gestão de uma pequena, mas exclusiva galeria de arte. Era um intelectual, uma pessoa refinada, com gostos caros e prazeres obscuros. Esses rótulos autoimpostos,

que o resto da sociedade julgava verdadeiros, eram a invenção burguesa e hipócrita de uma pessoa que sente medo. O homem precisa calibrar, medir, e as pessoas me viam como alguém preparado e requintado, como o protótipo de um homem culto, delicado e sensível. Essas máscaras que desenhei para a minha existência foram as ferramentas que me permitiram me situar socialmente e me deram uma posição, sem dúvida privilegiada, no circo das relações humanas. Esse contexto social foi metade da minha felicidade. Minha esposa e minhas duas filhas complementam o quadro. Viviam numa casa grande e linda, e tinha outra para quando o calor piorava e tudo ficava chato na cidade. Apesar de não ser um milionário, sempre consegui gastar dinheiro sem pensar no que viria a seguir. Dirigi carros e motos caras, comi em restaurantes luxuosos, fiquei em hotéis cinco estrelas e sempre sorri. Mas nem tudo foi cor-de-rosa. Havia mundos pulsando acima daquele universo superficial da minha vida, mas falarei disso mais tarde. Mergulharei minhas palavras na minha pessoa, na minha individualidade, no que me fazia ser Markus Molema. Entrarei com a furtividade de quem nunca esteve lá, pelas minhas profundezas, pelos cantos e recantos que teci, pelas minhas mentiras. Percorrerei doces caminhos inversos, para retornar àquele lugar íntimo, que eu escondia de mim mesmo, e ali desnudarei meu coração, quebrarei a máscara, a imagem, drenarei meus sonhos do espelho sujo e tecerei a figura derrotada de um homem e de um tempo que nunca me pertencerá, que nunca será meu.

A memória é a maior e a mais terrível das mentiras; mas tudo o que vivi na ilha, desde aquelas primeiras horas até hoje, aqueles

momentos, aquelas noites, todo aquele tempo permanece intacto vibrando dentro de mim, como se um sol amargo e condenado iluminasse as lembranças, para que eu possa revivê-las uma após outra. Parece que estou na caminhonete, parece que consigo sentir o odor pungente do peixe, é como se me visse ali, olhando pela janela para a escuridão e planejando a minha visita, que pensei que só fosse de quatro dias; eu consigo me lembrar de quando ainda não sabia de nada e minha felicidade era um rio calmo, que molhava serenamente as facetas e os aspectos que um homem pode considerar necessários e precisos para existir. Se me esforçar, ouço a conversa da motorista, lembro-me de cada palavra. Nos meus olhos ainda brilha a pequena cidade de Mirau, que, mal iluminada, se revelou ao meu olhar; lembro como a lua se refletia poderosa, prateada e noturna sobre a pequena baía e o pequeno porto. As ruas estreitas foram limitando a velocidade da caminhonete de peixes até o centro da cidade. De repente, com uma freada brusca, estacionou diante das portas do meu hotel, uma antiga *villa* colonial convertida em hospedagem há setenta anos. The Green Mountain era uma das três pousadas da ilha e, sem dúvida, da melhor qualidade, como me garantiram. Ao sair do veículo, enquanto a mulher continuava falando sem parar, observei o que estava ao meu redor.

O imponente alojamento era um edifício de seis andares, com estilo neoclássico e oito grandes colunas que atravessavam a fachada. A pintura, um pouco desgastada pela umidade, apresentava lascas em alguns pontos, revelando a camada original da fachada. Situava-se na avenida principal, uma espécie de passeio marítimo que percorria a

cidade acompanhando o mar. Ficava perto do seu centro nevrálgico que, como dá para imaginar, era constituído pelo porto e pelas ruas próximas. Com alguns passos, entrei no estabelecimento. O *lobby* era espaçoso, composto por poltronas elegantes espalhadas pela sala em frente a janelas brilhantes de onde se podia ver o mar.

A simpática, mas incansável papagaia que havia me buscado — continuava falando comigo, apesar de já ter passado meia hora desde que eu havia perdido o fio da conversa e de ela só ter conseguido de mim uma onomatopeia de fingido consentimento — ajudou a carregar as malas e me acompanhou até a recepção.

Então, sorridente e sem parar de tagarelar, colocou minha bagagem bem em cima dos meus pés e, com um largo sorriso, se despediu.

Um jovem, quase adolescente, de sorriso amarelo e olhos azul-claros me atendeu. O uniforme era grande demais para ele, como se o tivesse herdado do irmão mais velho, circunstância que aumentava a aparência de uma criança indefesa. Ele falava, como a motorista, um jargão ininteligível em que misturava espanhol e português com termos ingleses e localismos. Para entendê-los, eu tinha de fazer um grande esforço e às vezes pedir que repetissem alguma frase. Os linguistas trabalharam durante décadas estudando essa miscelânea, sem compreender bem a ordem, o funcionamento e as relações desse jargão singular. A localização geográfica, em pleno Atlântico, havia convertido o pequeno arquipélago de Mirau, ao longo do tempo, numa encruzilhada de espanhóis, ingleses e portugueses, e cada um deles, durante uma ou várias temporadas, ali hasteou as suas bandeiras. A peculiaridade do dialeto residia na organização mutável dos termos e

das diferentes línguas utilizadas, sem qualquer ordem ou significado. Embora a língua oficial seja o português, todos os que vivem na ilha há algum tempo falam o que ali chamam de *miraundês*.

Após um intervalo que me pareceu eterno e uma cena cheia de mal-entendidos e nervosismo, fiquei com o quarto 570. Ao abrir a porta vermelha, avistei um quarto espaçoso com uma cama enorme, uma janela grande e antiga, vários quadros com motivos rurais e um pequeno escritório com canetas e papel sobre a mesa. A estância me agradou. Fechei a porta. Senti-me confortável. Acho que chegou a hora de falar dos quartos. De qualquer um, de algum, de todos. Talvez do único. Existem vários tipos de quarto: médios, grandes e pequenos, amplos e com duas janelas, quartos infantis, de casal, aqueles que você compartilha, onde durante anos os espaços mais íntimos não são só seus, quartos de amigos, dos seus pais, aqueles em que quando você entrava parecia descobrir um mundo proibido, quartos de hotéis, quartos emprestados que ocupamos apenas por alguns dias ou mesmo algumas horas. Um quarto é um refúgio e um espelho, pois diz muito sobre nós. É onde guardamos o que gostamos, o que amamos, o que precisamos, e, no fim das contas, o que somos. Onde também nos escondemos. Você pode fazer o teste. Ao observar o quarto de alguém, o local onde sonha e no qual passa aqueles minutos que antecedem o sonho, podemos conhecer indiretamente quem o habita. Existem, como já comentei, muitos tamanhos, muitas formas, diferentes detalhes, segredos e janelas, mas o seu, aquele em que vive, é único e intransmissível. Um quarto só nosso é o espaço mais íntimo e pessoal que podemos ter. Indica claramente a personalidade

do habitante daquele lugar no mundo. O primeiro quarto que pude chamar de meu, o primeiro de que me lembro, onde a minha consciência foi tomando forma, era enorme, embora possa ser uma visão pautada na perspectiva de uma criança. Acredito que quando você começa a precisar daquele espaço, daquele cômodo próprio dentro de uma casa, da individualidade, esse traço distintivo se desenvolve e dá um salto qualitativo dentro do ser humano. A tinta que cobria as paredes do meu quarto era branca e havia apenas algumas pinturas penduradas nas paredes, das quais me lembro perfeitamente. Numa delas, uma litografia, no meio de um mar revolto, em combate parado, uma baleia-branca e, entre a espuma, um pequeno barco com um arpoador prestes a atirar sua arma contra o cetáceo. Era uma ilustração sugestiva. O oceano tempestuoso me chamava mais a atenção do que a ação; gostava de observar a espuma, que parecia ferver, e as ondas batendo, acariciando os personagens. No outro, obra da minha mãe — acho que vem dela meu amor e minha dedicação às artes pictóricas —, um leão multicolorido rugindo. A pintura era imensa e foi colocada na cabeceira da cama. Às vezes, ao acordar, antes de me levantar, antes de ir ao banheiro ou tomar o café da manhã, enquanto os sonhos se desvaneciam e a realidade consumia minha energia, de um esforço forçado, observava o leão que rugia. Suas cores vivas, as formas arredondadas, suas mandíbulas abertas que pareciam me chamar, pulsavam vivas dentro de mim. O quarto era retangular, com a porta e a janela voltadas uma para a outra nos lados mais estreitos. De um lado, havia uma pequena biblioteca onde repousavam cinquenta volumes infantis. A três passos da minha cama, ficava o grande baú,